



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

A METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA EM HOMENS ELEGANTES

THE HISTORIOGRAPHIC METAFICATION IN ELEGANT MEN

Jackeline Fernanda Ferreira Ribeiro¹
Alexandre Felizardo Bonafim²

Resumo: Este artigo tem como corpus o romance *Homens Elegantes*, de Samir Machado de Machado. Pretende-se, valendo dos conceitos da ficção do pós-modernismo, em específico, o desenvolvido por Linda Hutcheon, descrever, de que forma a narrativa apresenta o discurso histórico e hegemônico para, enfim, promover um discurso de metaficção historiográfica. *Homens Elegantes* é uma narrativa imersiva sobre o Brasil Colônia e as *coincidências* entre ficção e realidade subvertem as expectativas do leitor provocando estranhamento, riso, ironia e reflexão, haja vista que, ao retornar o passado, a narrativa propõe uma reflexão crítica sobre os discursos dominantes, dialogando constantemente com temas do período colonial no século XVIII em sua relação dialética com o presente. A metodologia de análise neste estudo tem um caráter bibliográfico com o propósito de descrever a relação entre ficção e história, teorizada como metaficção historiográfica pela teórica Linda Hutcheon, presente na obra, pois *Homens Elegantes* retrata um fato em seu processo de narrativização e de perspectivismo múltiplo atrelado ao processo histórico.

Palavras-chave: metaficção; metaficção historiográfica; literatura contemporânea; pós-modernismo; Homens Elegantes.

Abstract: This article has as its corpus the novel *Elegant Men*, by Samir Machado de Machado. It is intended, using the concepts of fiction of postmodernism, in particular, the one developed by Linda Hutcheon, to describe how the narrative presents the historical and hegemonic discourse to, finally, promote a discourse of historiographical metafiction. *Elegant Men* is an immersive narrative about Colonial Brazil and the coincidences between fiction and reality subvert the reader's expectations, causing estrangement, laughter, irony and reflection, given that, by returning to the past, the narrative proposes a critical reflection on the dominant discourses, constantly dialoguing with themes from the colonial period in the 18th century in its dialectical relationship with the present. The methodology of analysis in this study has a bibliographical character with the purpose of describing the relationship between fiction and

¹ Mestranda em literatura pelo programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás; bolsista da Capes. E-mail: jackelineffribeiro@gmail.com.

² Doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo; professor do programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás. E-mail: alexandre.bonafim@ueg.br.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

history, theorized as historiographical metafiction by the theorist Linda Hutcheon, present in the work, as *Elegant Men* portrays a fact in its process of narrativization and multiple perspectivism tied to the historical process.

Keywords: metafiction; historiographic metafiction; contemporary literature; postmodernism; *Men Elegant*.

Introdução

Nascido em Porto Alegre, Samir Machado de Machado é editor, designer gráfico e escritor de romances históricos e de aventura. Sua carreira literária se faz com a produção e publicação de contos, novelas e romances. No que se refere aos romances, Samir lançou, para além de outros, em 2016 e 2021, a duologia composta pelas obras *Homens Elegantes* (2016) e *Homens Cordiais* (2021). Essas duas narrativas propõem uma mescla intensa e conflituosa entre a historiografia e a ficção, na qual a primeira obra se volta para a investigação do contrabando de livros eróticos para o Brasil, ainda colônia; e a segunda, dando continuidade à primeira, busca desvendar os planos de golpe da nobreza portuguesa. Em ambos os textos, o autor desenvolveu críticas, ora sutis ora densas, sobre temas considerados tabus pela sociedade do período em que as narrativas se ambientam. Entretanto, consideramos necessário frisar que a perspectiva do autor-indivíduo Samir Machado de Machado não será analisada fora do processo imanente do texto, ou seja, como o corpus desta pesquisa é a narrativa *Homens Elegantes*, nos ocupemos exclusivamente a ela, considerando a linguagem enunciativa, além dos arranjos sintáticos e semânticos que buscaremos compreender e descrever a partir da enunciação³ pressuposta.

³Para a professora Diana Luz Pessoa Barros (2001), é preciso definir a enunciação a partir do duplo compromisso de mediação ao converter as estruturas narrativas em estruturas discursivas, assumindo, também, o compromisso de relacionar o texto com as condições sócio-históricas de sua produção e de sua recepção. Barros (2001) afirma que “o sujeito da enunciação assegura, graças aos percursos temáticos e figurativos, a coerência semântica do discurso e cria, com a criação figurativa do conteúdo, efeitos de sentidos sobretudo da realidade.” (p.62)

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

A obra *Homens Elegantes*, dividida em três atos e narrada em terceira pessoa, apresenta uma história de espionagem ambientada na Inglaterra do século XVIII. Protagonizada por um brasileiro com ascendência inglesa e portuguesa que fora incumbido de investigar o contrabando de enormes quantidades de livros eróticos para o Brasil, a narrativa romântica desenvolve diversas temáticas conflituosas do período que ambienta a obra. Na enunciação, a temática LGBTQI+ é amplamente explorada quando Érico – personagem principal – conhece e se apaixona por Gonçalo. Érico Borges, o *James Bond gay* – como o autor mesmo disse ter se baseado para a construção da habilidade investigativa do protagonista⁴, assim como a temática de conspiração e investigação política – com traços do *jeitinho brasileiro*, enfrenta, com grande sagacidade, o inescrupuloso ítalo-argentino Reinaldo Olavo de Gávia y Acevedo, conhecido também como Conde Bolsonaro, o qual Érico desconfia ser o financiador e líder do contrabando que o levou à cidade de Londres.

Entre a diversidade temática da obra, há um excelente trabalho de pesquisa historiográfica. No blogue e nas notas de autor presentes na obra, há uma gama de intertextualidade e interdiscursividades que foram essenciais, segundo o próprio autor, para a construção do romance, como alguns cânones da literatura “gay” – O Barão de Lavos (1891), de Abel Botelho; O Bom-Crioulo (1895), de Adolfo Caminha; Fedro (370 a.C.) e Banquete (308 a.C.), de Platão; O Satyricon (60 d.C.), de Petronius, e outros. Todas essas obras aparecem imbricadas na narrativa, além de serem nominalmente citadas. Baseado em Barão de Lavos, temos a representação da personagem Sebastião em Érico (nomeado com o falso título Barão de Lavos), um brasileiro/português, originado de duas grandes famílias, que se apaixona por um rapaz. Em Bom-Crioulo, tem-se a apropriação do homoerotismo presente na Marinha portuguesa. Com Platão, a narrativa apresenta uma dimensão filosófica do amor, assim como os excessos mundanos, que envolvem amor, bebida, comida e sexo. De Satyricon, a obra explora a ambientação luxuosa e extravagante da classe burguesa londrina, ao mesmo tempo

⁴ O autor afirma ter uma obsessão, desde criança, pela narrativa “jamesbondiana”, produzida por Ian Fleming. Disponível em: <https://blogdosamir.blogspot.com/> acesso 22 de setembro de 2022.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

que cria uma sátira aos seus costumes e à sua política. Para além desses, na temática erótica, houve também uma grande pesquisa sobre a obra que dá início ao conflito: *Fanny Hill: memórias de uma mulher de prazer*, de John Cleland.

Outro elemento muito bem explorado na obra são os conceitos das práticas sociais e processos históricos do Brasil e da Europa no século XVIII. A narrativa apropria-se do *zeitgeist*⁵ que a sociedade da época via como ideal, como o *tourist/ grand tour* (cultura, inserida pelo Iluminismo, de viajar com o objetivo de conhecer outras culturas para comparar com a sua) que atribuiu à educação dos jovens (homens) a necessidade de ter contato com a cultura Clássica para, então, inseri-la em seu país de origem: “[...] ao voltarem, estes turistas trazem consigo um gosto renovado por modas, comidas e costumes [...] o pacovino provinciano vê como sinal de afetação esnobe ou, não raro, afeminação.” (MACHADO, 2016 p.93). Os espaços públicos também são afetados pelo ideal da sociedade, como, por exemplo, os pubs e cafeterias inglesas, que eram pontos de encontro para se discutir sobre política. Diante disso, esses ambientes tornaram-se unicamente masculinos, não sendo bem-vistos à presença feminina. Em *Homens Elegantes*, esse processo é marcado quando Maria deixar de frequentar esses espaços em prol da boa reputação.

Há também um estudo profundo sobre metodologia utilizada pela Inquisição para a cura dos “desvios sexuais” e os conceitos desses sujeitos no século XVII que, porém, se mantinham na mentalidade da sociedade, mesmo depois do fim da Inquisição, no século XVIII. As referências a personalidades e eventos da época são expressivamente utilizadas na narrativa, como a presença do Conde Oeira, que seria futuramente o Marquês de Pombal, responsável por incumbir à Érico o trabalho investigativo; o Terramoto português ocorrido em 1755, que causou diversos prejuízos a Coroa portuguesa, assim como na vida da personagem Maria, a qual perdeu seus pais; a Guerra dos Sete Anos (1756 - 1763), em que monarquias europeias iniciam um

⁵ Palavra em alemão que significa as práticas culturais, intelectuais e sociológica de um determinado período da história.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

conflito para o domínio dos países colonizados, sendo esse último o principal fato que contextualiza a obra⁶.

É o primeiro dia do mês de outubro do ano de 1760. Doze anos atrás, a redescoberta de Pompéia e Herculano reavivou o **interesse pela cultura Clássica**, que agora se impõem como nova moda; em Portugal, nobreza e clero se recuperam assustados da **execução dos Távora e da expulsão dos jesuítas**; na França, **Voltaire acaba de publicar a obra** pela qual será mais lembrado; [...] na Áustria, **Maria Antonieta** é ainda uma criança a brincar com suas bonecas - dez anos a separam ainda do dia em que provará seu primeiro *macaron*, e três décadas de quando será separada de sua cabeça. Por toda a Europa, *Philosophes* divulgam ideias inconvenientes: de que não se deve aguardar a felicidade somente após a morte, mas buscá-la em vida - contanto que não seja nos campos de batalha de uma guerra ainda sem nome, mas que será **lembrada por sua duração de sete anos**. [*grifos nossos*] (MACHADO, 2016, p.17 – 18)

Todos esses elementos descritos, aparecem na narrativa de forma parodística, uma vez que *Homens Elegantes* é uma narrativa que aproxima ficção e realidade como recurso subversivo, evocando o riso e a ironia em uma história muito viva.

Há, na obra, uma articulação de elementos representativos dos conflitos portugueses, europeus e brasileiros do século XVIII, como o moralismo católico, a censura, e o ambiente iluminista e revolucionário de Londres. Todos esses componentes temáticos, carregados de críticas, fazem com que o leitor perceba, de certa forma, que a linha temporal da narrativa não limita as problemáticas somente à época, sendo possível perceber semelhanças nada sutis com o contexto atual. Como exemplo, segue um trecho em que o embaixador de Portugal explica ao seu secretário o porquê de não permitir o fácil acesso dos brasileiros aos livros literários:

[...] Estás tão acostumado com excesso de liberdades que se cultivam aqui, que não compreende, então lhe explico: Se der ao povo alguns livros, irão querer mais; se lhes der muitos livros, logo começam a ter ideias e a querer escrever os seus próprios, e

⁶ Vale ressaltar ainda, que todas essas informações estão confirmadas nas notas do autor, localizadas nas páginas 571 a 574. Nelas, Samir afirma que grande parte das personagens, assim como os fatos que fundamentam as ações presentes na obra, são históricas, como os embaixadores Martinho de Melo e Castro e o conde de Fuentes, o aristocrata inglês e dono de plantações de açúcar na Jamaica William Beckford, Ignácio Sancho, a soldada Hanna Snell; a disputa pelos navios franceses, a véspera da Guerra dos Sete Anos, os terremotos e as histerias pré-fim de mundo ocorridas em fevereiro de 1761.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

então escreverão peças, e peças necessitam de músicas, e logo estarão compondo baladas, canções e então[...] haverá algo em comum unindo os habitante de Salvador aos do Rio de Janeiro, os mineiros das Gerais e os colonos do Sul. Haverá histórias. E o que acontece quando pessoas passam a compartilhar histórias? Descubrem que possuem problemas em comuns, dificuldades e anseios comuns e toda sorte de sentimento inconveniente que as histórias geram, criando o maior perigo de todos: o senso de comunidade. (MACHADO, 2016, p.54)

Diante dessa explanação, este estudo se propõe a descrever, em sínteses verbais, como *Homens Elegantes* apresenta a história oficial do século XVIII e na sequência, subverte-a, dando ao leitor novas perspectivas, assim como reflexões sobre os paralelos entre o passado histórico e o presente. Para alcançar esse objetivo, os conceitos que regem a ficção da pós-modernidade, em específico a teoria da metaficção historiográfica desenvolvida pela estudiosa Linda Hutcheon, serão amplamente exploradas, expondo a forma com que a narrativa, por meio do subgênero metaficção, favorece a construção de uma releitura crítica do passado.

Pós-modernidade e literatura

O pós-modernismo, marcado por grandes revoluções, tem-se caracterizado por constituir conceitos que visam desestaurar tudo que fora posto como verdade absoluta nas mais variadas vertentes do conhecimento. A ficção na pós-modernidade se propõe a analisar minuciosamente todo o seu próprio processo de produção de sentido por meio da autorreflexividade⁷, expondo e problematizando as engrenagens que mobilizam as significações dentro e fora do texto. Essa configuração dá ao romance novos formatos, dos

⁷ “Na tendência pós-moderna da literatura, a autorreflexividade comparece com frequência na trama das narrativas como estratégia para externar a revisão crítica da materialidade literária em sua ligação irônica com as obras do passado e do presente. As narrativas autorreflexivas pós-modernas problematizam a condição enunciativa da arte literária, evidenciando sua contingência: entre a instância da produção e da recepção há o texto que se metamorfoseia continuamente.” Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/alere/article/view/1707> acesso em 22 de set de 2022.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

quais permitem a investigação e exposição dos seus próprios processos de construção de sentidos, para além da denúncia dos outros discursos hegemônicos através do simulacro do real.

A construção do discurso histórico, no século XIX, buscou no discurso positivista, as bases para sua afirmação como ciência. Seguindo um rigoroso padrão metódico, o registro histórico passou a ter como condição essencial a comprovação dos fatos. O que não se pudesse comprovar por meio da vivência, da experiência e da documentação escrita (e oficial) não seria história. Acreditava-se que o historiador deveria ser um cientista da linguagem, que faria o registro de modo impessoal. O texto histórico deveria ser técnico, asséptico, livre de todo e qualquer subjetivismo. E essa ideia prevaleceu até meados do século XX, quando historiadores, linguistas e teóricos da língua e linguagem passaram a questionar o cientificismo e a imparcialidade da escrita.

A ficção pós-moderna, enquanto autorreflexiva, além de revelar aquilo que está oculto no discurso, também assume características metaficcionalis que permitem a utilização de personagens históricos na narrativa, a mescla dos mais variados gêneros textuais (hibridismo de gêneros), assim como a diversificação dos espaços, focalizações, tematizações e figurativizações.

Patricia Waugh (1984) afirma que a metaficção apropria-se dos elementos constituintes das praxes realistas como pano de fundo para experimentar, por meio da autorreflexão, uma nova forma de produzir arte, trazendo para si uma crítica dos seus próprios processos de criação, além de desenvolver uma literatura adaptada aos leitores da contemporaneidade. Apoiada e influenciada por esse movimento característico do romance pós-moderno, Linda Hutcheon, em *A poética do Pós-modernismo* (1991), desenvolve uma subclasse no gênero ficcional: a metaficção historiográfica.

De acordo com a teórica, o pensamento pós-moderno fundamenta-se como contraditório, histórico e político, do qual busca representar e subverter o mundo histórico por meio de parodias, problematizando-o e propondo um novo olhar para o fato. Dessa maneira, a

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

ficção, com o objetivo de preencher lacunas, faz uma revisão da história, haja vista que esta é entendida como subjetiva, da qual não está insenta de “subtexto ideológico que determina as condições de sua produção ou de seu sentido” (HUTCHEON, 1991, p.122).

Não se fez com que a história ficasse obsoleta: no entanto, ela está sendo repensada – como uma criação humana. E, ao afirmar que a história não existe a não ser como texto, o pós-modernismo não nega, estúpida e ‘euforicamente’, que o passado existiu, mas apenas afirma que agora, para nós, seu acesso está totalmente condicionado pela textualidade. (HUTCHEON, 1991, p. 34).

Assim, imbuída de ideologia, a história passa a ser reescrita pelo conceito pós-modernista, em que este ato irá constituir uma nova perspectiva da história que outrora fora ignorada pela ideologia dominante, gerando um confronto com o passado para então reelaborar uma nova crítica.

Nessa perspectiva, ainda que o enunciador em *Homens Elegantes* se apodere de um fato histórico, mesmo que pela lente crítica e imaginativa, a enunciação transmite sua visão dialética da realidade, sendo essa sua função precípua. Assim, é necessário insistir num ponto básico: a partir do momento que se tece a ficção, ainda que com os fios da história, obtidos pelos arranjos sintagmáticos na construção de sentidos, não haverá mais a preocupação em torno da “verdade histórica”? Sim, haverá. Contudo, tanto a história quanto a literatura são discursos e de acordo com Hutcheon, “[...] a história passa a ser repensada – como criação humana. O pós-modernismo não nega a existência do passado, mas de fato questiona se jamais poderemos conhecer o passado a não ser por meio de seus restos textualizados” (HUTCHEON, 1991, p. 39). Logo, é notório que historiadores, assim como poetas, romancistas e dramaturgos, organizem o passado em torno de enredos recorrentes. Em outras palavras, a fronteira entre literatura-ficção e história-fato, que já fora bem definida no passado, passou a ser vista de forma bem diferente na era pós-moderna.

Reconhecidas, então, como gêneros discursivos, a história e a literatura são passíveis de manifestações ideológicas. Dado este fato, o pós-modernismo apropria-se da constituição

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

paradoxal do discurso para reelaborar o discurso histórico. Roland Barthes, em Aula (2007), expõe que a língua tem um poder absoluto, e que é na literatura que a linguagem pode *trapacear* a língua. Pautado nisso, este estudo parte do pressuposto teórico de que a partir da linguagem é possível, pela literatura, rever e problematizar as questões sociais, políticas e culturais que subscrevem nossa história.

Lois Troler Hjelmslev (1943), afirma que a linguagem é o instrumento ao qual o homem modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções e, graças à linguagem, a narrativa consegue, também, influenciar e ser influenciada. Logo, a narrativa é o texto que materializa a sensibilidade do enunciador em relação ao mundo.

O desenvolvimento da linguagem está tão inextricavelmente ligado à personalidade de cada indivíduo, da terra natal, da nação, da humanidade, da própria vida, que é possível indagar-se se ela não passa de um simples reflexo ou se ela não é tudo isso: a própria fonte de desenvolvimento dessas coisas.

É por isso que a linguagem cativou o homem enquanto objeto de deslumbramento e de descrição, na poesia e na ciência. A ciência foi levada a ver na linguagem a sequência de sons e de movimentos expressivos, suscetíveis de uma descrição exata, física e fisiológica, e cuja disposição forma signos que traduzem os fatos da consciência (p. 1-2).

Há no ser humano, no ser social, uma extrema necessidade de se perceber pelo viés da sociedade. Hjelmslev afirma que é pela memória, preenchida pelos elementos da língua, que os seres humanos se tornam membros da sociedade. A linguagem torna-se um meio de conhecimento cujo objeto principal reside fora da própria linguagem.

Ao pensar o pensamento com recurso da materialidade linguística, Hayden White (2006), afirma que até mesmo a historiografia, que se pretende objetiva, ganha toda subjetividade que lhe é própria – a começar pela escolha e seleção de um tema, a qual se realiza no espaço de interesse do historiador. White considera que a história contada historicamente é equivocada. Para ele, “as declarações factuais são entidades linguísticas e pertencem a ordem do discurso” (2006, p. 192). Ao tratar da narrativa e da relação que ela estabelece com a história, White afirma que:

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

[...] a narrativa é considerada um *container* neutro do fato histórico, um modo de discurso “naturalmente” apropriado a representar diretamente os eventos históricos; segundo, histórias narrativas geralmente empregam a chamada linguagem natural e ordinária, no lugar da técnica, ambas para descrever seus temas e para contar sua estória; e terceiro, eventos históricos devem consistir ou manifestar um amontoado de estórias “reais” ou “vivas”, as quais têm apenas de ser descobertas ou extraídas das evidências e dispostas diante do leitor para ter sua verdade reconhecida imediata e intuitivamente. (2006, p. 191-192).

White (2006) teoriza sobre o discurso histórico, afirmando que de qualquer forma o texto histórico é um texto. Afinal, o texto é produzido por um enunciador que monta os arranjos dos acontecimentos, posicionando-se em um tempo e em um lugar, pois enunciador-linguagem-interlocutor-texto estão vinculados ao contexto. Assim, a história e a literatura, na era pós-moderna, são discursos que, quando mesclados, visam à reinterpretação do passado, questionando-o por meio da ficção. Esse processo permite que o leitor compreenda que a história não deve ser vista como uma verdade incontestável, pois a literatura, organizada pelos acontecimentos, leva-o a uma nova percepção do fato.

De acordo com Hutcheon (1991), o passado jamais poderá ser apagado, mas poderá ser reavaliado por meio da ironia, da criação subversiva. Este processo, tratado pela estudiosa como metaficção historiográfica, apoia-se no pluralismo autorreflexivo do pós-modernismo, em que irá retomar e parodiar os fatos históricos. O termo exclui a reprodução exata – mimética – da história, propondo ligação indispensável entre enunciador – linguagem - texto – leitor, para a construção de sentidos. Esse procedimento consiste no *acordar da consciência*, propondo um percurso teórico e metodológico a fim de romper com as perspectivas unilaterais que reforçam percepções reducionistas e discursos oriundos de uma cultura ideologicamente dominante. “A metaficção historiográfica procura desmarginalizar o literário por meio do confronto com o histórico, e o faz em termos temáticos e formais” (HUTCHEON, 1991, p.145).

A metaficção historiográfica e homens elegantes

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

A pós-modernidade percebe a história como um discurso carregado de ideologias sendo, portanto, subjetiva e parcial, assim como o texto ficcional. Pautado nessa perspectiva, a junção entre da história e a ficção promoveu um novo sistema de ressignificação do passado histórico, evidenciando, principalmente, aquilo que a história ignorou. Ao articular esses dois polos, a metaficção historiográfica coloca em pauta a reflexão, por meio da linguagem, sobre a centralidade e a legitimidade do discurso histórico.

Ambientando no século XVIII, especificamente no ano de 1760, *Homens Elegantes* seleciona um período, fatos e recortes históricos para subverter na escrita literária. A narrativa se passa em um contexto no qual Brasil era colônia de Portugal e a Europa estava efervescente com os conflitos territoriais, assim como com as transformações ideológicas e culturais que o século setecentista promovia.

A obra constrói uma narrativa baseada em fatos históricos do período referido, articulando-o ao discurso ficcional. Nessa perspectiva, diagnosticaremos algumas passagens que contém intertextos vivos e uma gama de interdiscursos de referencialidade histórica bem como os procedimentos de narrativização de fatos históricos, provocadores de uma possível historiografia literária, crítica e cultural.

No primeiro ato do romance, logo no início, é dado ao leitor a transição da personagem principal, Érico Borges, do Brasil para Londres. Esse trajeto apresenta-se como doloroso e assustador, trazendo toda uma áurea de melancolia, solidão e sofrimento. Na sequência, é descrito o ponto final da viagem de Érico: um novo mundo que está em um processo de revolução cultural e ideológico, diferentemente do local de origem da personagem. A composição dessas duas perspectivas, trajeto e local de desembarque, permite ao leitor inferir que os sentimentos de angústia permanecerão nesse novo lugar dado ao fato das recentes modificações socioculturais que o continente passava, como a recente expulsão dos jesuítas e o reaparecimento da visão clássica, tornando esse novo local um espaço conflituoso.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

É o primeiro dia do mês de outubro do ano de 1760. Doze anos atrás, a redescoberta de Pompéia e Herculano reavivou o interesse pela cultura clássica, que agora se impõem como nova moda; em Portugal, nobreza e clero se recuperam assustados da execução dos Távora e da expulsão dos jesuítas; na França, Voltaire acaba de publicar a obra pela qual será mais lembrado; no Vaticano, o papa Clemente XIII cismou com as estátuas de mármore e mandou cobrir as genitais com folhas de parreira; na Áustria, Maria Antonieta é ainda uma criança a brincar com suas bonecas - dez anos a separam ainda do dia em que provará seu primeiro *macaron*, e três décadas de quando será separada de sua cabeça. Por toda a Europa, *Philosophes* divulgam ideias inconvenientes: de que não se deve aguardar a felicidade somente após a morte, mas buscá-la em vida - contanto que não seja nos campos de batalha de uma guerra ainda sem nome, mas que será lembrada por sua duração de sete anos. (MACHADO, 2016. p.17-18)

Compreendido que esse local apresentado é complexo, nesse trecho, é possível pressupor que o enunciador tem como objetivo contextualizar os fatos que estão ocorrendo na Europa no momento da chegada da personagem principal à Londres. A passagem em questão materializa sentidos, performando no interlocutor que esses elementos historiográficos são de extrema importância na interpretação da narrativa, haja vista que esse percurso inicial orientará as ações, as percepções e os espaços das personagens. Logo, vale ainda ressaltar que o enunciador não age sozinho no processo narrativo-discursivo, ou seja, o texto mobiliza-se como objeto cultural, produzido a partir de determinadas condicionantes históricas, em relação dialógica com outros textos.

Na obra, Érico é singular. À primeira vista, ele é apresentado pelo narrador como um brasileiro, soldado da alfandega brasileira, com ascendência inglesa e portuguesa enviado à Londres pelo Conde Oeiras⁸ para investigar um crime de contrabando de livros eróticos para o Brasil. Toda essa seriedade das características da personagem é rompida quando o enunciador nos apresenta alguns de seus aspectos íntimos, como seu gosto refinado pela literatura greco-romana, pela arquitetura barroca, pela moda europeia e pela confeitaria. Érico, ao mesmo tempo

⁸ Conhecido como primeiro-ministro de Portugal, Sebastião José de Carvalho Melo, futuro Primeiro Marquês de Pombal.



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

que é um sujeito tradicional, transmuta-se numa complexidade que orientará todo o percurso gerativo de sentido na obra.

[...] [Érico] **nunca quis ser soldado** [...], mas havia algo que ele definitivamente não queria ser era um mercador de vinho como o pai, os avôs e bisavôs. [...] o avô materno, um inglês [...] já seu pai, português reinol [...]. Assim, seus pais viajaram, e Érico veio a nascer no Rio de Janeiro. [...], (*grifos nosso*) (MACHADO, 2016, p. 32)

Érico se intromete: o Garrick de quem falam é David Garrick? O “grande Garrick”? **Sendo um leitor tão dedicado a Shakespeare**, era impossível para Érico não ter ouvido falar daquele que era o maior intérprete de sua época [...]. Havia poucas pessoas vivas que Érico idolatras sem nem mesmo conhecer, e David Garrick era uma dessas. [...]. (*grifos nosso*) (MACHADO, 2016, p. 95)

Luz e som o envolvem e absorvem. [...] Érico sente algo próximo do arrebatamento: um grandioso **salão oblongo de teto abobadado**, percorridos de uma ponta a outra por imensas colunas [...]. **É o pó de fadas, é o brilho do Olimpo**, tudo ali é imperioso, epopeico e brutal [...]. **Érico se deslumbra com artes e com ofícios**, mas raramente com pessoas [...]. (*grifos nosso*) (MACHADO, 2016, p. 105-107)

[...] - pois vou te ensinar uma coisa sobre artes: as coisas mais magníficas que o homem pode criar é são efêmeras. **Isto aqui é a disposição mais bela e harmônica de habilidades humanas** que se pode imaginar, e em questão de poucas horas será destruída por aquela horda de bárbaros famintos nas outras salas. [...]. (*grifos nosso*) (MACHADO, 2016, p. 139).

Érico é um soldado que tem gostos singulares para os homens de sua época. No concernente a esse percurso, é interessante avaliar o espaço sentimental que a personagem principal revela. Ele se diz não soldado, pois é sensível, gosta de literatura, de Shakespeare. Todas essas características dão ao leitor peças para que ele monte o quebra-cabeça que a narrativa propõe: em um contexto em que se permite reflexões sobre o indivíduo enquanto centralidade do conhecimento, mas que, ao mesmo tempo, rompe a liberdade e valorização do sujeito dado aos preceitos ideológicos e religiosos que regem a mentalidade social, como poderia ser possível a vivência harmônica dessa personagem singular nesse espaço que ora inibe as ações “transgressoras”, ora as apoia?

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Discursos sobre comportamentos adequados a cada gênero circulam constantemente, não apenas pelas mãos dos Aparelhos Ideológicos do Estado, mas também condicionam pensamentos e práticas que materializam na superestrutura de ideias de pertencimento vs. exclusão. A concepção de pessoas generificadas seguem caminhos que envolvem tensões e ambiguidades, pois “parte do mistério do gênero está em como um padrão que parece tão rígido e nítido na superfície pode ser tão complexo e incerto quando o olhamos mais de perto. (Connel e Perarse 2015, p. 39).

Linda Hutcheon teoriza que a estruturação textual da metaficção apresenta-se de duas maneiras: a primeira pela da ironia e paródia, reconstruindo o histórico por meio da reflexão; e a segunda, quando os indivíduos marginalizados pela história dominante orientam a narrativa pela sua voz que outrora fora silenciada, como ocorre em *Homens Elegantes*.

Hutcheon desenvolve uma noção mais profunda à primeira forma de se fazer metaficção historiográficas. Para a estudiosa, a parodia é um elemento utilizado “para questionar a autoridade de qualquer ato de escrita por meio da localização dos discursos da história e da ficção dentro de uma rede intertextual em contínua expansão que ridiculariza qualquer noção de origem única ou de simples causalidade.” (HUTCHEON, 1991, p.169).

No trecho a seguir, é possível verificar esse questionamento da autoridade que a autora discute. Nele, o enunciador dá ao leitor uma breve contextualização das “molly house” - espaços surgidos no século XVIII, em que homossexuais frequentavam – onde é posta como moda e “vício” oculto da Europa, e que o conforto trouxe o descuido as ações homoafetivas. Esse “erro” gerou na sociedade londrina, na segunda metade do século, um desconforto que acabou promovendo organizações moralistas para a reintegração da moral e dos bons costumes.

[...] como conforto traz o descuido, na segunda década do século formaram-se algumas tantas Sociedades para a Reforma dos Costumes, ligas moralistas preocupadas com a moral e os bons costumes alheios, em geral das classes mais baixas, mas receosos de fiscalizar o rabo da nobreza ou do clero. [...] Com o passar do tempo, as Sociedades para a Reforma dos Costumes saíram de moda – muitos de seus membros foram pegos no flagra a cometer os próprios crimes que noutros

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

acusavam, por fim reduzidos à sua real dimensão chantagista e hipócritas, a sustentar a máxima de que todo moralista é, no fundo, um reprimido. [...] (MACHADO, 2016, p.171 -172)

Situado no capítulo intitulado *Uma comunidade de segredos*, esse excerto mobiliza elementos parodísticos em um texto ficcional. O discurso histórico é contestado, pois o enunciador apresenta ao leitor novos ângulos do discurso formal. Ao realizar isso, a metaficção historiográfica coloca em voga fatos esquecidos, promovendo uma atualização e reflexões sobre o poder do discurso doutrinador que visa a moralidade dos indivíduos a partir da perspectiva ideológica e cultural do cristianismo que vê com maus olhos a liberdade excessiva dada aos “invertidos” / “sodomitas”⁹.

Acerca da contextualização socioespacial e do conflito da personagem com o ambiente, há também processos de narrativização que materializam gradientes sensoriais¹⁰ atrelados a significantes e significados que legitimam uma falsa moralidade a partir de discursos eugenistas e extremamente opressivos ante às classes menos favorecidas. Observa-se o trecho:

[...] O título do novo panfleto agora é *O trovão da razão*. A diatribe **propunha castração como forma de eliminar a pobreza**, para que o número excessivo de filhos entre os pobres diminua. Um trecho:

A falta de respeito dos pobres com as classes altas é emblemática desta cidade. Não toleram os filhos e filhas bem-nascidos, a riqueza alheia, a civilização mais educada. Não aceitam conviver com as diferenças, tolerar que há locais mais refinados, que demanda um comportamento mais discreto, ao contrário de seus bailes vulgares. São bárbaros incapazes de reconhecer a própria inferioridade e morrem de inveja da civilização. [...]. [grifos nossos] (MACHADO, 2016, p. 208)

⁹ De acordo com Mott (1987), heterocêntrica é um sistema ideológico e cultural que entende a heterossexualidade como sistema afetivo superior. Os termos “inversão”, “sodomita” e “fanchono” são formas de categorização estereotipadas das orientações sexuais que o heterocentrismo desenvolve com o fito de limitar a liberdade sexual.

¹⁰ Teoria de Oziris Borges Filho (2007), da qual discute a relação da construção de significados espaciais a partir dos sentidos humanos.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Tomamos esse trecho como literatura que fala do mundo na medida em que as enunciações retomam práticas e fatos do passado setecentista dialogando com o contexto social, econômico e político da atualidade brasileira. Ao entender *Homens Elegantes* dentro dessa perspectiva, não se nega que a obra seja parte integrante da literatura que fala da literatura. Entretanto, pensar em eventos atuais, sobretudo a partir de 2016, ano de publicação do livro e do golpe orquestrado a favor dos interesses econômicos das elites brasileiras, nos conduz a uma cadeia de significações.

A recente aprovação da reforma da previdência e a retirada dos direitos trabalhistas são interdiscursos vivos que ressignificam e trazem ao debate conceitos e percepções importantes. É impossível não pensar na cadeia de significações interdiscursivas que representa a aprovação de uma reforma previdenciária ao invés de uma reforma tributária, com taxação de grandes fortunas, além da aprovação de uma reforma trabalhista, que retira direitos dos trabalhadores, a reformas urbanas e agrárias. Os enunciados como: *A falta de respeito dos pobres com as classes altas é emblemática desta cidade/ Não toleram os filhos e filhas bem-nascidos, a riqueza alheia, a civilização mais educada*, acionam as memórias, os significantes, os saberes de um leitor atento e crítico que compara não somente as práticas excludentes que herdamos da perspectiva eurocêntrica, com também confirma um *ethos* negativo no imaginário social do Brasil que rejeita pautas em defesa dos menos abastados, haja vista o considerável número de brasileiros que apoiaram tais reformas excludentes por compreenderem os trabalhadores e trabalhadoras como substrato social.

Nesse cenário, é válido inserir Gerard Genette (1982 apud Brandão,1995) afirma que a arquitextualidade presente em uma obra direciona a percepção do texto literário a partir da sua “relação com os outros, em camadas arcaicas, complexas e, no entanto, relativas a um mesmo solo [...] de criações que se vão sedimentando e transformando” (p. 36). Diante disso, é possível inferir que a articulação de um texto com outros por meio da enunciação tem como objetivo a construção de pontos de vistas, dos quais possibilitam diálogos consistentes e produtivos de

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

significações no texto literário, dando ao leitor a compreensão e a possibilidade de revisão crítica de um passado histórico correspondente ao presente.

Na citação seguinte, Érico encontra na casa do conde Bolsonaro a prensa responsável pela impressão dos livros eróticos que estavam sendo contrabandeados para o Brasil. Para além dessa constatação, Érico percebe, após ver imensas impressões de panfletos, que o conde é o responsável também por divulgar e propagar as ideias e ideais extremistas na cidade de Londres, como o panfleto citado anteriormente. Neste trecho, há, mais uma vez, pela enunciação, a concepção ideológico, cultural e moralista das classes dominantes do período sobre a homossexualidade, e, conseqüentemente, sobre o papel das mulheres.

[...] Numa mesa, encontra alguns exemplares em francês, Les Provocateurs des Tremblements de Terre. Há também em espanhol e, por fim, em português: Os Incitadores de terremotos. Lê um trecho:

A mais exemplar punição deve ser aplicada aos que cometem este crime, o mais horrendo e detestável de todos, pois se deixados vivos, a ação dos sodomitas logo irá infectar toda a nação, e dali carregada pelos navios a toda a humanidade, enquanto os que ficarem em terra treinarão mesmo as crianças a praticarem este que é o mais objeto vício. É preciso coragem; somos a maioria, vamos enfrentar essa minoria. Se a justiça continuar leniente, cedo chegará ao momento em que a mulher se tornará um elemento inútil da Criação uma vez que o Homem, sendo naturalmente superior, terá encontrado em sua própria semelhança um suprimento de suas necessidades lascivas. [...] Tal forma inferior de gente, dada tais hábitos pútridos, encontra-se em toda sorte de classe social [...] A podridão de seus sentimentos os leva, naturalmente, ao ódio, ao crime e a rejeição. [...] O Pecado nefando é um crime à parte, merecedor de punição mais memorável que o estupro e o assassinato [...]. (grifos nossos) (MACHADO, 2016, p. 341-343)

No livro intitulado *Gênero: uma perspectiva Global* (2015), as autoras Raewyn Connell e Rebecca Pearse afirmam que a desigualdade de gênero, perpassada pelas concepções dominantes, reflete em violência àqueles que tentam transgredir as normas estabelecidas. Homens e meninos que, “por serem gays, afeminados ou considerados fracos [...] são alvos” (p. 42) do ataque do poder doutrinador. Essas agressões perpassam variados *modus operandi*

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

para alcançar seu objetivo, como a propagação de suas ideias a partir de escolhas lexicais que preenchem afetivamente o campo semântico do interlocutor.

No trecho ainda em questão, é possível verificar que o panfleto se apropria das variadas formas de convencimento do seu público-alvo, como ocorre ao determinar ao ato homossexual a criminalização por meio da noção religiosa do papel do homem e da mulher na procriação. Para além, há também a exploração do discurso afetivo quando o enunciador propõe que as ações homoafetivas transformar-se-ão em doutrina a ponto de haver a suposição da criação de uma prática educacional que ensinará as crianças o desejo homoafetivo.

O efeito de sentido construído desse panfleto, corresponde a intencionalidade da aproximação do que tange o fato histórico com as práticas atuais, nas quais o leitor poderá construir relações significativas, em que o que é dito no texto e a forma com que isso é feito propõe a ativação dos variados conhecimentos e experiências desse ator ativo – leitor.

Portanto, diante de toda essa explanação, consideramos a obra *Homens Elegantes* uma narrativa de caráter metaficcional, em que a metaficção historiográfica, subgênero, foi amplamente desenvolvida. Há no texto, como percebido, a intenção do enunciador de apropriar-se de um período histórico em específico com o objetivo de não retomar o passado para confirmá-lo e reconstruí-lo, mas sim de retomá-lo para propor novas perspectivas, questionando a centralidade e a hegemonia da história, assim como os seus variados reflexos na atualidade.

Referências

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A hora da estrela: História e Literatura, uma questão de gênero?** In: _____. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

BARROS, Diana Luz Pessoa. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. São Paulo: Humanitas/FLLCH/USP, 2001.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1978.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e Literatura: Introdução à topoanálise**. São Paulo: Ribeirão Editora, 2007.

BRANDÃO, Ruth Silviano. **Literaterras: as bordas do corpo literário**. São Paulo: Annablume, 1995.

HJELMSLEV, Lois Troler. (1975). **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva. [Título original: 1943].

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-Modernismo: História, Teoria e Ficção**. Rio de Janeiro: Imago. 1991.

HUTCHEON, Linda. **Narcissistic Narrative: the Metafictional Paradox**. Waterloo, Ontario: Wilfrid Laurier University Press, 1980.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**. São Paulo: Ática, 2004.

MACHADO, Samir Machado de. **Homens Elegantes**. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

MOTT, Luis. **O sexo proibido**. São Paulo: Editora Papirus, 1988.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Do Positivismo à Desconstrução: Ideias Francesas na América**. São Paulo: EDUSP, 2003.

WAUGH, Patricia. **Metafiction: The Theory and Practice of Self- Fiction**. London and New York: Methuen, 1984.

WHITE, Hayden: **Meta-história: A imaginação Histórica do Século XIX** (tradução de José Laurênio de Melo), São Paulo: 2006.